

PORTO & MAR

Aduanas do Mercosul adotam nova tecnologia blockchain

Plataforma bConnect passou a ser utilizada pelas autoridades de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai

MATHEUS MÜLLER
DA REDAÇÃO

A Receita Federal lançou uma plataforma com base na tecnologia blockchain, para agilizar e tornar mais segura a troca de informações sobre comércio exterior com países do Mercosul. Trata-se da bConnect, que passou a conectar as aduanas do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

O sistema garante o registro de transações em moedas virtuais de forma mais ágil, com menos burocracia e mais segurança. A rede de proteção às movimentações entre empresas e entidades é autoexplicativa pelo nome Blockchain, em português: cadeia de blocos - cada operação gera um arquivo e um hash (algoritmo que mapeia os dados e garante que os dados não foram violados).

Desenvolvida pelo Serpro, empresa de Tecnologia da Informação do Governo, a bConnect começou a ser utilizada em outubro. Em seu site, a responsável pelo sistema cita que “a plataforma garante a autenticidade e segurança dos dados aduaneiros compartilhados entre os países do Mercosul”.

Num primeiro momento, o gerente de Soluções de Comércio Exterior do Serpro, Paulo Ramos, comenta ao portal da instituição que a rede bConnect começa permitindo o compartilhamento de informações de Operadores Econômicos Autorizados (OEA). “E já há previsão de incremento da rede para atender ao compartilhamento de informações de Declarações Aduaneiras”.

Ramos destaca que a plataforma desenvolvida à Receita permitirá a troca de quaisquer informações entre os países “de forma segu-

ra e ágil, preservando a soberania de cada país”.

Bárbara Hareckbart de Oliveira, que integra a Coordenação-Geral de Administração Aduaneira (Coana) da Receita Federal, informa ao portal do Serpro que “o bConnect foi criado para suprir uma necessidade internacional de troca automatizada de dados aduaneiros dos OEA entre os países”.

Ela explica que o processo “antes era feito, em sua maioria, por meio de planilhas elaboradas ou extraídas do sistema que cada país possuía e enviadas por correio eletrônico”. A realidade citada por ela gera certa insegurança e burocracia nas relações e transações.

A IBM aponta que antes do Blockchain as opções para as transações passavam por papel-moeda, cartas de crédito e sistemas bancários, linhas telefônicas, sistemas de cartão de crédito, internet e as tecnologias móveis. Mesmo assim, o dinheiro é para negociações locais em quantidades relativamente pequenas, o tempo entre o acordo e a quitação pode demorar, a necessidade de terceiros no processo pode aumentar as ineficiências, além de fraudes, ciberataques, entre outros.

“O blockchain serve exatamente para que estes processos, que hoje cada empresa faz do seu jeito, sejam abordados com uma visão de ecossistema, uma visão de algo que agregue valor a todos os participantes. Esse, na verdade, é o maior valor potencial do blockchain: unificar os interesses ao redor de uma mesma solução que vai garantir confiança para que essas operações aconteçam”, explica Carlos Henrique Duarte da Silva, líder de Blockchain Services da IBM América Latina.

LIVRO CONTÁBIL

O Blockchain também funciona como um livro contábil, compartilhado e imutável. Ele facilita o processo de registro de negócios e rastreamento de ativos. A rede, que inicialmente fornecia um sistema de segurança às criptomoedas, teve a tecnologia ampliada a outros setores, e essa proteção já experi-



Sede da Alfândega de Santos: com bConnect, troca de informações sobre comércio exterior será facilitada

mentada é um atrativo. “Existem alguns componentes que vão servir para que a gente aumente os níveis de segurança. O próprio jeito que a arquitetura (do sistema) é construída para registrar essas transações, as diversas camadas de criptografia, tanto do ponto de vista de identificação e de armazenamento das informações, vão nos garantir e ajudar a reforçar essa questão da segurança”, diz Silva.

O líder de Blockchain Services ressalta, porém, que o livro contábil é um componente do blockchain. “(A rede) na verdade, é uma arquitetura que vai permitir que participantes consigam fazer transações de ativos diversos e registrar essas transações neste livro contábil, seguro, compartilhado. É um pedaço importante desse todo que é o blockchain”.

Segundo Silva, a América Latina “tem despertado para a utilização da tecnologia”. “Há algumas iniciativas no contexto dos países, mas com a visão da criação de redes regionais ou de iniciativas um pouco mais integradas. Do ponto de vista da região, são poucas. Em comparação com a Ásia, Europa e EUA, estamos bem tímidos”.

REDE

De acordo com o consultor de Negócio de Soluções para o Comércio Exterior do Serpro, Fernando Lustosa, a solução bConnect é uma rede de blockchain permissionária (depende de permissão ou licença), definida pelas organizações que pretendem configurar um consórcio e, portanto, é necessário ser convidado para participar. Os países do Mercosul são membros dessa rede. “Cada país integrante da rede inclui as informações relativas às suas empresas OEA na rede blockchain e essas informações serão imediatamente visualizadas por aqueles países cujo Smart Contract esteja estabelecido. Na arquitetura inovadora proposta pelo Brasil, os sistemas de comércio exterior estarão ligados a esta rede e serão sensibilizados com a inclusão de novos blocos”, diz o gerente Ramos.